

TRABALHO, IMIGRANTES E POLÍTICA EM “GREVE NA FÁBRICA”: O MAIO DE 68 PARA ROBERT LINHART¹

LABOR, IMMIGRANTS AND POLITICS ON “ASSEMBLY LINE”: ROBERT LINHART AND THE MAY’68

Antonio de Pádua Bosi²

Recebido em: 30 de setembro de 2020.
Aprovado em: 17 de novembro de 2020.

<https://doi.org/10.46401/ardh.2020.v12.12009> 

RESUMO: Este artigo discute a relação entre trabalho, imigrantes e política presente no livro “Greve na Fábrica”, de Robert Linhart, publicado em 1978, articulado às experiências vividas no maio de 68, como estudante, dirigente político e operário “integrado”. Trata-se de uma relação historicamente datada, cujo fato principal aqui destacado é a experiência de entrosamento entre operários de diversas nacionalidades na linha de montagem da Citroën em 1969. Num plano paralelo está a narrativa de Linhart sobre seus vínculos com a classe operária encontrados no cotidiano do trabalho. Espera-se abordar tais pontos orbitando em torno de distintas identidades culturais face a experiência do trabalho industrial.

Palavras-chave: Trabalho, Imigração, Greve na Fábrica, maio de 68.

ABSTRACT: This article discusses the relationship between labor, immigrants and politics present in the L’Établi by Robert Linhart, in 1978. In the same time, try to articulate the experiences lived in May 1968 as a student and political leader and integrated like workman. The main fact of which is highlighted is the experience of interaction between workman of different nationalities on the Citroën assembly line in 1969. On the other side Linhart’s narrative about his connections with the working class found in the everyday. I try to approach these points linked to different cultural identities in the face of the experience of industrial labor.

Keywords: Work, Immigration, Factory Strike, May’68.

Maio de 1968 e o “integrar-se” de Robert Linhart

Robert Linhart ajudou a formar a atmosfera política que antecedeu o Maio de 68 na França. Na universidade, onde completou o curso de filosofia, participou como organizador da União dos Estudantes Comunistas, entidade influenciada pelo pensamento de Louis Althusser, seu professor. Era o ano de 1964. Ele e os demais membros de sua organização criam e distribuem uma revista chamada *Cahiers Marxistes-Léninistes*, confeccionada em mimeógrafo e voltada para estudantes. Pretendia criar uma universidade vermelha – comunista – que servisse aos trabalhadores, naquilo que sua cultura tivesse de revolucionário. O timbre althusseriano era forte à medida que Linhart e seus companheiros compreendiam a luta de classes prioritariamente como enfrentamento ideológico. Imerso nos debates do campo da ultraesquerda marxista, suas posições crescentemente críticas ao Partido Comunista Francês motivaram sua expulsão.

Como muitos de sua época, ele passou a se identificar com o maoísmo, particularmente com a proposição de se “proletarizar”. No final de 1968, Linhart ingressa na fábrica da Citroën de *Porte de Choisy*, Paris, destinada a montagem do popular 2CV, automóvel de dois cilindros e 435cc. O fervor de maio prometia entrar para a história como uma gigantesca manifestação estudantil, forte a ponto de quase derrubar o governo Charles de Gaulle. Por outro lado, 1968 na França foi o ano de uma greve geral de aproximadamente 10 milhões de trabalhadores, de uma população total de 50 milhões. Mobilizar 1/5 de um contingente nacional é algo dificilmente alcançado nas grandes revoluções, mesmo que a uniformidade ali estivesse ausente.

Imagem 1 – Operários da Citroën/Nanterre.



Manifestação em Paris. Greve Geral, 29 de Maio de 1968.
Fonte: Créditos de Jacques Marie. Disponível: <https://www.franceculture.fr/>

Os movimentos desencadeados e inspirados em maio de 1968, emblematizado na insígnia “Seja realista, exija o impossível”, pesaram na decisão de Linhart de empregar-se numa fábrica, embora ele não tenha participado diretamente devido a razões mencionadas à frente.

A inserção de intelectuais marxistas de renome nas manifestações em maio de 1968 se deu marcado por discordâncias teóricas e políticas sem, contudo, inviabilizar a ideia de unidade. Eric Hobsbawm descreve a incompatibilidade da velha geração da esquerda (a dele própria) com a nova geração, recordando ver seu “velho amigo e camarada” Albert Soboul, titular da cátedra de história da Revolução Francesa na Sorbonne, “espigado e de aspecto solene, vestido de terno escuro e a gravata dos acadêmicos eminentes, caminhando lado a lado com rapazes que podiam ser seus filhos, gritando palavras de ordem das quais ele, como membro legal do Partido Comunista francês, discordava profundamente.” (HOBBSAWM, 2002, p.275)

Mas havia dissensos não computados por Hobsbawm. Herbert Marcuse, cuja formação inclinava-se bastante para o marxismo, e que gozava de certo prestígio entre estudantes e ativistas de esquerda nos anos 60, principalmente em função da publicação e fama de *O homem unidimensional*, foi ruidosamente insultado pelo mais popular líder do maio de 68, Daniel Cohn-Bendit. Numa conferência no Teatro Eliseo de Roma, Marcuse ouviu dele, “Herbert, diga-nos, quanto a CIA paga a você?” A afronta traduzia uma desconfiança gerada pelo financiamento estatal americano às pesquisas desenvolvidas por Marcuse como professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley, principal local de manifestações em 1968 no país.

Na Alemanha, reabilitado o Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, Theodor Adorno, menos vinculado ao marxismo, não teve melhor sorte. Em janeiro de 1969, ele apelou à polícia para retirar estudantes que se manifestavam no prédio do Instituto. Dois meses depois, Marcuse o repreendeu. Com claro exagero, Adorno apelidou tais agitações de “fascismo de esquerda”. A réplica veio a altura. Um panfleto distribuído na universidade tinha por título “Adorno, como instituição, está morto”. (JEFFRIES, 2018, pp.356-363) De qualquer modo, muitos estudantes que se juntaram em 1968 encontram apoio político e ideológico para se rebelarem na leitura ou no debate de temas pautados em *O homem unidimensional*, de 1964, e *Eros e Civilização*, de 1955, ambos escritos por Marcuse, e *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, publicado em 1967. (MARCUSE, 2015; DEBORD, 1997)

Por sua vez, Linhart desconfiava que o movimento estudantil se movia por pautas pequeno-burguesas e, mais do que isso, seria uma “conspiração social-democrata”. Esta tensão, entre o que pensava e o que a União da Juventude Comunista Marxista-Leninista (UJCml), francamente maoísta, criada em 1966 defendia, a qual ajudou a fundar, causou sua segunda expulsão de uma organização estudantil. No contexto da divisão internacional do comunismo entre China e URSS, Linhart parece ter formado esta opinião após visitar a China a convite do Partido Comunista Chinês, em agosto de 1967. A Revolução Cultural iniciada um ano antes reverberou diferentemente sobre Linhart e os demais companheiros. Linhart vinha, desde pelo menos 1964, desenhando sem trégua um traçado sectário que o deixava cada vez mais isolado. Sua filha, Virginie Linhart, em livro sobre ele, *Le jour où mon père s'est tu* [O dia em meu pai se calou], cita de um dos companheiros mais próximos de Linhart o temperamento forte de seu pai, uma dureza no tratamento caracterizado por arrogância, intolerância e elitismo. (LINHART, 2019) Virginie nascera poucos meses depois da criação da UJCml,

quando Linhart contava 21 anos de idade.

De algum modo, esta postura pessoal e política, um tipo de fantasia narcísica, deu-lhe um empurrão generoso para um colapso nervoso que se manifestaria em tentativa de suicídio uma década mais tarde. O resultado dessa acentuada militância levou-o a ser internado em 10 de maio de 1968. (DRESSEN, 2012) Por óbvio, o adoecimento o privaria de um dos acontecimentos mais importantes do século XX. É de se pensar como as ressalvas erguidas contra as manifestações de 68 lhe custaram a saúde. Coincidência ou não, Louis Althusser, seu tutor na graduação em Filosofia, também cairia doente de transtornos mentais. Por seguidas vezes Robert Linhart enfrentou (ou cedeu) a períodos de depressão. Dez anos depois, *Greve na Fábrica* se tornava uma obra de referência para estudos sobre Trabalho, especialmente para Sociologia do Trabalho. (CELENTANO, 2008)

Em comum, a organização maoísta e Linhart apontaram a necessidade de construir práticas políticas que visassem estabelecer e estreitar relações mais duradouras e profundas com o operariado e, para tanto, os militantes precisavam se fixar como operários. (CODINHA, 2010, p.248-251) A isso chamaram de *Établissement*. *L'Établi* pode corresponder a "O estabelecido", ou "integrado". Mais do que um termo, *integrar-se* rendia frutos do pensamento de Mao. Dizia ele que se pode ir às fábricas e às lavouras a passeio, ou para uma pesquisa acadêmica, ou para fazer amigos, ou ainda para ficar e viver durante um longo tempo, e que esta última forma de aproximação do mundo proletário chamava-se "integrar-se". Uma vez recuperado, Linhart abandonou provisoriamente a *École Normale Supérieure* da Rue d'Ulm e se empregou na planta da Citroën.

Inicialmente, o interesse de Linhart na linha de produção do 2CV não era o trabalho nem a numerosa presença de imigrantes em meio aos 1.200 operários ali empregados. Havia uma preocupação política centrada numa organização do fragmento da classe que ocupava na planta produtiva de *Porte de Choisy*. Para ele e outros militantes de origem intelectual cabia intervir no espaço do trabalho para ajudar os trabalhadores a interpretar sua própria experiência de exploração vivida no campo e na cidade com um sentimento rebelde emprestado dos grupos estudantis engajados. Esta é uma história conhecida, inclusive no Brasil dos anos 70 do século passado. Mas Linhart – e outros na mesma condição que ele - não esperava esbarrar literalmente num tipo de cultura operária que se fazia primordialmente no campo do trabalho e das ocupações industriais.

Aquele mundo fabril fora traçado e emoldurado por regras e escalas de status tão complexas quanto ilegíveis ao olhar de Linhart. Pode-se presumir (neste ponto é algo hipotético) que ele pensou nisso durante quase dez anos antes de entregar "*L'Établi*" para publicação. "*L'Établi*", traduzido por Miguel Arraes e publicado em 1978 (mesmo ano da publicação francesa), saiu também em Portugal, como "O infiltrado", na língua inglesa, como "Assembly Line", e em espanhol como "De cadenas y de hombres", publicado em 1979. Linhart referiu-se à "*L'Établi*" também e provavelmente para designar a "bancada", o lugar e ferramenta de trabalho de um artífice. É uma curiosa definição considerando que a imagem de fábrica, geralmente retratada e disseminada pela literatura acadêmica anticapitalista daquele período (ou até aquele período), confirmava um tipo de trabalho industrial simplificado em toda sua extensão, de aprendizado trivial. Este ponto ressalta as primeiras linhas escritas em seu livro. "A linha de montagem não corresponde à imagem que dela eu tinha. Na minha mente era como uma sequência de avanços e paradas diante de cada posto de trabalho."

(LINHART, 1978, p.11)

Encontramos em sua escrita algumas das principais categorias de Marx para compreender e explicar o processo e as relações de trabalho: mais-valia, divisão do trabalho, estrutura produtiva, exploração..., enfim, o conhecido arsenal da inteligência marxista. Todavia, Linhart recorre a expressões menos comuns e afeitas ao universo fabril para descrever e analisar os operários que lhe fazem próximos. O cheiro de ferro queimado que modelam partes do 2CV; o cheiro do estofamento que reveste os bancos; o cheiro da fuligem que engole inteiramente a fábrica; o barulho das brocas; o rugido dos maçaricos, das marteladas; o cinza que colore as paredes das oficinas e os macacões que vestem os operários. Dificilmente este mosaico de odores, ruídos e cores entrou no radar de Linhart nas primeiras tentativas de sumariar sua experiência. Entre 1969, ano de seu “integrar-se”, e 1977, quando seu livro foi para as livrarias, ele pacificou alguns dos desconfortos que se tornavam antigos, e concedeu este tempo à escrita de suas memórias.

Linhart explica sua experiência na fábrica aludindo a temporalidades distintas, definidas num cabo de guerra lutado entre o ritmo da linha e o “movimento lento, embora contínuo”, cadenciado pelos operários. Ele se sente “progressivamente envolvido, anestesiado”, tomado por uma “sonolência ritmada por sons, choques, clarões, ciclicamente repetidos, regulares.” (LINHART, 1978, p.12) Não é uma descrição familiar ao mundo acadêmico devido, em grande parte, à liberdade narrativa usual para uma autobiografia. Como explicar que uma intervenção menos política do que sociológica ou antropológica face o *outro* tenha se rendido à complexidade da vida na fábrica da Citroën, diante de imigrantes e filhos de imigrantes esperançosos de um futuro que o espírito republicano francês prometia?

Linhart oferece uma redação primorosa sobre a presença dos operários mediada pelo trabalho realizado na fábrica, o que pode ser entendido como uma identidade vinculada ao local de trabalho, ao aprendizado constante das tarefas e de truques fortuitos para não se entregar completamente ao controle da linha de produção. São três dedos que seguram o lápis, ou a caneta, mas seu passado lhe pressiona a alma para escolher uma perspectiva. Esta chave de análise pode retirar *Greve na Fábrica* do circuito sociológico dedicado ao estudo do trabalho, alicerçado em *O Capital* de Marx. Neste caso, a experiência de Linhart na Citroën ativa outras linhas de tráfego por onde podemos enxergar cenas reais de operários reais na produção de automóveis.

Quando cotejadas com a memória da militância estudantil vê-se uma perspectiva que o reconcilia com o passado recente ao invés de confina-lo definitivamente ao esquecimento. *Greve na Fábrica* tornou-se um tempo para auto-reflexão de uma política vivida em permanente estado de choque, de um frenesi histórico que só as revoluções demonstram, de uma convulsão social cuja importância para Linhart tomava dimensões avassaladoras que aniquilariam temporariamente sua capacidade de manter-se naquele circuito. Não houve esquecimento, houve antes uma solução de continuidade interrompida na tentativa de suicídio em 1981.

Entrevistado em 2013, Linhart diz ter nascido “em maio de 68 como uma crise do cinema.” Ele fala a partir de um tempo mais distante relativamente a primeira metade da década de 70, quando concebeu *Greve na Fábrica* e isto faz diferença. O Robert Linhart forjado no intenso ativista político e ideológico dos anos 60 não é o mesmo que saiu da Citroën levando consigo uma tradição operária

de longa duração. Pouco antes disso, explica metaforicamente seu colapso nervoso dizendo que estava desarticulado, sozinho, como uma folha numa floresta. (ADLER, 2013) Por tudo isso, *Greve na Fábrica* é um conhecimento das impossibilidades. Afinal, a memória é um critério para a verdade.

Assim como fez durante sua militância universitária, foi preciso inventar uma história para ingressar na planta da Citroën. Imaginou que o responsável por sua contratação o viu como “um semicamponês atônito, bom indício de que não criaria problemas.” Até chegar ali, ele contou que trabalhara no armazém de um tio em Orléans, e que depois esteve no serviço militar em Avignon. O certificado se perdera. Aliás, não tinha nenhum, nem mesmo dos estudos primários. Para um semicamponês a irrelevância de tal documentação não era incomum. Mas o fingimento terminava aí. Seu rosto carregava marcas vincadas de expressão iguais às dos novos contratados ainda que as suas tenham sido obtidas noutra situação: “o progressivo desgaste das convulsões do após maio de 1968 – um verão de tumultos e *querelas* – ainda estava inscrito nos meus traços, como outros, entre meus companheiros, carregavam a marca visível da dureza das condições de vida.” Ele se manteria engajado, dessa vez vinculado a *Gauche Prolétarienne*, organização de extrema esquerda que ajudou a criar em setembro de 1968 e da qual foi líder.

Esta comparação, feita nas páginas iniciais de *Greve na Fábrica*, esmaeceria ao longo do ano em que Robert Linhart se tornaria um operário. Depois disso, apesar de assumir um posto de docente na Universidade de Paris-VIII, a impaciência com a especulação acadêmica de esquerda sem propósitos práticos ganhou terreno. Ele relatou seu encontro com a economista Maria da Conceição Tavares no Brasil como exemplo disso. Fez a ela diversas perguntas sobre a situação econômica brasileira em 1976, conversa que contou no livro *O açúcar e a fome*, publicado 1981. Depois de ouvi-la falar perguntou o que iria acontecer, na opinião da economista. Surpreendida, ela respondeu: “O que isso vai ser? Nada! Vai continuar estagnado como está...”. E Linhart completa: “fui assaltado pela evidência do imenso apodrecimento que todos estes algarismos significavam.” (LINHART, 1981, p.60)

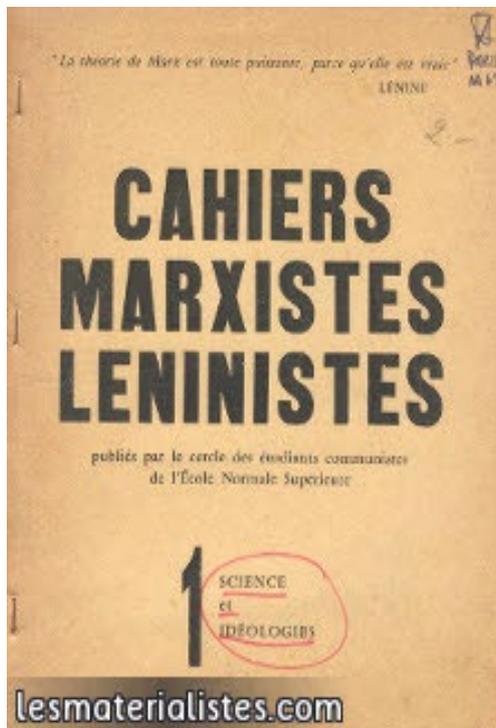
Esta postura esteve presente na escrita do livro, uma radicalidade aprendida e punida muitas vezes pela dinâmica do movimento social. Desse modo, viu-se encurralado pela leitura feita sobre o maio de 68, que não foi uma “conspiração da social democracia” como havia pensado, ainda que marcado pelo peso da pequena-burguesia. Além disso, em boa condição para olhar o passado, Hobsbawm avaliou que “o motivo pelo qual 1968 (com seu prolongamento em 1969 e 1970) não foi a revolução, e jamais pareceu que seria ou poderia ser, era que apenas os estudantes, numerosos e mobilizáveis que fossem, não podiam fazê-la sozinhos.” (HOBSBAWM, 1998, p.293) Mas no âmbito da narrativa biográfica uma história geralmente nasce de outra.

Os imigrantes na linha de produção da Citroën

A classe operária também construiu o maio de 68 com uma épica greve geral, e Linhart, organizado na *Gauche Prolétarienne*, decidiu “integrar-se” na Citroën. É curioso o fato de que a planta industrial de *Porte de Choisy*, em Paris, não figurou como um foco de luta operária em 68. De qualquer maneira, ele jogou sua sorte ali. Igualmente curioso é o fato de ter escolhido como

protagonistas em *Greve na Fábrica* operários majoritariamente imigrantes ou filhos de imigrantes. A atenção que se dirigia para este segmento tinha antecedentes. Três anos antes, o comitê dirigente da União da Juventude Comunista destacou Robert Linhart para escrever sobre a situação da luta de classes na Argélia no segundo número da *Cahiers Marxistes-Léninistes*.

Imagem 2 – Exemplar do Cahiers Marxistes Leninistes. 1966



Fonte: <https://lesmaterialistes.com/histoire-union-jeunesse-communiste-marxiste-leniniste>

Pode-se considerar que em seu domínio estavam inclusos a questão do imperialismo, da autodeterminação dos povos e da internacionalização da classe, ainda que a Argélia fosse um “assunto” francês. Linhart não era imigrante, a despeito de compor uma longa linhagem no judaísmo legitimada no pós-guerra sob a insígnia da República Francesa. Se tratava de um antigo processo que havia assimilado os antepassados de Marc Bloch como cidadãos franceses a começar por seu bisavô, judeu da região da Alsácia. É possível que esta condição fortemente abalada no contexto da 2ª Grande Guerra Mundial forjou nele, num canto secreto onde se acotovelam crenças e fantasmas, um sentimento de desterro. A identidade comunista igualmente enfileirava-se contra qualquer sentimento de pertencimento à nação governada por Charles de Gaulle. Pagava-se um preço por ser comunista; e pagava-se mais caro por ser maoísta. Exilado em sua casa; isto podia definir Robert Linhart.

Em *Lenin, os camponeses, Taylor*, tese de doutoramento defendida em 1976, Linhart afirma que “organizar o trabalho é, antes de mais nada, organizar os homens que trabalham”. (LINHART, 1983, p.152) Trata-se de uma síntese sobre a importância da disciplina para a produção capitalista tal qual aparece em *Princípios da Administração Científica*, de Taylor. Na planta da Citroën ele observou cuidadosamente a composição da estrutura produtiva esperando encontrar a completa rea-

lização da dominação de classe. É um tema inaugurado por Marx no 1º livro de *O Capital*, onde ele explicita a luta do burguês para ocupar o máximo de tempo comprado do trabalhador. Sua abordagem acerca desse assunto tornou-se mais conhecida por meio da famosa metáfora dos “poros” no processo de trabalho. O que Linhart faz é retomar esta questão noutra contexto histórico e pautar o tempo de trabalho como algo em disputa, um elemento fundamental na luta de classes.

Três iugoslavos, encarregados da montagem das portas dos 2CV, chamam a atenção de Linhart logo em seus primeiros dias. Georges, Pavel e Stepan trabalham juntos e, não raras vezes, perambulam pela seção desocupados, fumando cigarros. Aquele tempo parecia não faltar à produção. De fato, não faltava. Excedia. Resultava de uma economia calculada minuciosamente pelo trio à medida que os iugoslavos aceleravam a montagem das portas até que um deles pudesse se ausentar por poucos minutos para uns tragos. Este tempo possibilitava um breve descanso, improvisado, informal e omitido da gerência. Para eles sonegar trabalho equivalia a uma conquista. Mas não é uma regra.

Na fábrica Linhart é designado para a oficina de soldagem, a número 86. Lá existem “uns 30 lugares de trabalho”. A carcaça dos 2CV chegam apenas pregadas, sem solda. Formando um semi-círculo, o grupo transforma as peças coladas numa “caixa”, pronta para banhos químicos e pintura. Quem mostra o serviço a ele é Mulud, argelino de Cabília, região montanhosa do norte da Argélia. O curso ministrado por Mulud prescreve as operações e os prejuízos quando não se faz tudo certo. Ele resume a lição: “por enquanto basta ficar olhando. (...) Repare como eu faço, de tarde você experimenta”.

Em meio a isso eles conversam sobre Cabília. Linhart diz que conhece a Argélia. Mulud conta que a mulher e os filhos ainda moram lá. Tira de sua carteira uma foto amarelada da família. Ele manda trezentos francos por mês para eles e economiza tudo que pode do salário. Vive acossado por uma consciência resiliente de arrimo a 2,5 mil quilômetros de distância. Naquele mês gastou mais do que previa. Um companheiro argelino morrera e Mulud e os outros cotizaram para enviar o corpo de volta ao país e um pouco de dinheiro para a família. “Nós nos sustentamos mutuamente como irmãos”, diz ele. Depois do almoço é a vez de Linhart lidar com a solda. Ele recebe o maçarico e o bastão de estanho. Desde então ouve uma repetição de “Não! Assim não!”. Dez carros e nada de realizar o trabalho. Mulud toma e orienta sua mão, entrega-lhe o estanho, segura o maçarico, mas Linhart não consegue. Aquele pedaço da linha se “afunda”, encalha. O apito da fábrica alivia seu sofrimento. Ele pensa na “inaptidão do intelectual para o esforço físico”. Aprendeu algo. O problema não é simplesmente força. O primeiro dia é aterrador para todos. (LINHART, 1978, p.18-23)

No dia seguinte o chefe da equipe colocou-o na seção de vidros sob o comando do “ajustador”, um ruivo com jeito de irlandês. Ele demonstra a Linhart como se instala os vidros. Repete duas vezes e entrega o martelo de borracha a ele. São 320 vidros por dia, 32 por hora, aproximadamente um vidro a cada dois minutos. Entre três vidros Linhart erra dois. Em meia hora consegue terminar apenas seis, menos da metade estabelecida. O desastre se repete. Nem portas nem vidros, e ele segue circulando pelas seções sem sucesso. Ao mesmo tempo, descreve a planta da Citroën como uma legião estrangeira.

A Citroën concentra nacionalidades por empresa. Em *Choisy*, os iugoslavos; em Javel [60° Distrito Administrativo de Paris], os turcos... Coletividades inteiras são tragadas a fim de se poder enquadrá-las em bloco, compartimentá-las, espioná-las; disseminam-se intérpretes da firma, combina-se a vigilância na usina com a da residência, facilita-se a penetração de temidas polícias políticas. (...) Vertiginoso turbilhão de nações, de culturas, de sociedades destruídas, esfaceladas, arrasadas, que a miséria e a extensão mundial do capitalismo jogam, em migalhas, nos múltiplos canais de drenagem da força de trabalho. Camaradas turcos, iugoslavos, argelinos, marroquinos, espanhóis, portugueses, senegaleses, conheci apenas fragmentos da história de vocês. (LINHART, 1978, pp.30-31)

No auge de maio de 1968, os operários paralisaram a produção. Os populares 2CV perderam o trabalho que lhes dava forma. A imagem 3, feita de dentro do galpão principal da Citroën de *Levallois*, espelha uma pose coletiva, constituída para expressar força e determinação, e atenta ao orador. A planta de *Porte de Choisy* também foi ocupada. Imigrantes como Mulud, Georges, Javel e Stepan participaram da ocupação. O que o olhar de Linhart capturou na fábrica da Citroën de *Porte de Choisy* estava estampado noutras linhas de montagem. E de modo algum havia novidade nisso, senão quando o enorme contingente de imigrantes era ouvido em suas histórias pessoais, embora Linhart não tenha se proposto a isso.

Imagem 3 – Operários ocupam a planta da Citroën Levallois em 20 de maio de 1968.



Fonte: <https://blogs.mediapart.fr/jean-marc-b/blog/090518/20-mai-68-usines-bureaux-et-universites-liberes>

Talvez tenha sido os estudantes que sacudiram a rotina dos operários em Paris, incluídos os imigrantes, mais expostos à autoridade patronal. Os estudantes construíram barricadas ao estilo e tradição da Comuna de Paris, cem anos atrás. Atacaram e se defenderam de policiais com paralelepípedos. Alguns arriscavam lançar coquetéis molotov. Se considerarmos a avaliação de Hobsbawm na condição de “observador da política”, como se auto-definiu, a iconografia estudantil de 1968, com seus pôsteres e grafites, só era política no sentido tradicional quando denunciava o Partido Comunista, uma guerra entre cismas no campo da esquerda. “Na verdade [os jovens] não pareciam estar muito interessados num ideal social, comunista ou outro tipo, distinto do ideal individualista de

livrar-se de tudo o que se arrogasse o direito e o poder de impedir-nos de fazer o que nosso ego ou id desejasse fazer.” (HOBBSAWM, 2002, pp.278-291) De qualquer modo, ali ideias revolucionárias não podiam sobreviver sem prática política.

Enquanto Linhart percorria a linha de produção em busca de um posto de trabalho onde conseguisse ser útil, se apropriava do funcionamento e da lógica fabril que vinhas endo estudada àquela altura. Georges Friedmann e Pierre Naville haviam publicado seu *Tratado de Sociologia do Trabalho* em 1962, quase mil páginas divididas em dois volumes. Alguns dos colaboradores deste tratado eram de esquerda, como Madeleine Guilbert, que integrou a Resistência Francesa, sobreviveu aos nazistas e se ligou ao Partido Comunista e com o próprio Pierre Naville, militante trotskista. Contudo, *Tratado de Sociologia do Trabalho* foi um estudo onde a densa empiria não deu passagem as falas dos operários. (FRIEDMANN e NAVILLE, 1973) No campo da Filosofia, Cornelius Castoriadis criticava a inevitável dominação do regime taylorista sobre os operários. Seus textos do final da década de 1950 polemizavam no interior do campo de esquerda propondo valorizar as formas de organização informais no chão da fábrica, a experiência do movimento operário. Ainda assim se tratava de reflexões com poucas bases empíricas e voltada mais ao debate ideológico do que ao universo operário. Sua trajetória deslizou da extrema esquerda para uma modalidade de socialismo libertário. (CASTORIADIS, 1985)

Linhart aprendeu que a repetição no trabalho também é uma habilidade, e que cabeça e corpo não parecem separados. Seria demais ver nisso uma atividade prazerosa, apesar de materializar a qualidade do trabalho posta naquele objeto. Não à toa o 2CV foi fabricado de 1948 a 1990, superando 5 milhões de unidades vendidas. Podemos argumentar que este tipo de dedicação não estava escorado no salário ou na estabilidade do emprego. Mulud necessitava bom desempenho para abastecer a família na Argélia e havia muitos operários com prioridades de igual importância. O fato é que cada etapa da fabricação do 2CV tinha alguma complexidade. Aprendia-se isso logo e, às vezes, da pior forma.

Na oficina de montagem dos assentos Linhart sofre. “Uma pressão do polegar, uma borracha enganchada, uma pressão do polegar, uma borracha enganchada, polegar, borracha, polegar, borracha, um assento terminado. Coloco outra moldura vazia”. Enquanto tentava administrar o sofrimento e a baixa produtividade, ele observa espantado uma mulher próxima de seu posto. “Lanço uma olhada rápida na mulher ‘stacanovista’: ela desembestou, começou seu quarto assento em vinte minutos”. É mais uma imigrante, vinda de Hong-Kong. Enquanto os polegares de Linhart são lentos e sôfregos, os dela, protegidos por bandagens, manejam velozmente as borrachas. “Clac, clac, clac”. É um ruído ensurdecedor que precisa ser seguido. Mas tudo ali o enjoa, literalmente. Cansado, exaurido, fracassado, prestes a desmaiar, os companheiros conduziram-no para a enfermaria. Está com 40 graus. É levado para casa numa ambulância, carregando uma licença de três dias e uma autoestima arranhada. De volta aos assentos ele encontra outra pessoa fazendo seu trabalho. Então é deslocado para o descarregamento de eixos. Aquela história o levou a outra.

Esta ciranda tinha um aspecto positivo ao proporcionar contato com diferentes oficinas e operários. Linhart soube então que a rotatividade de 100% fazia parte da Citroën. Colecionou casos exemplares sobre isso, imigrantes que retornavam das férias e topavam com outro em seu lugar.

Os estudos sociológicos faziam estatísticas dessa realidade, mas raramente exploravam como os operários, desempregados, tratavam tal experiência. Linhart conseguiu ouvi-los. Àquela altura, o objetivo que o levara a Citroën parecia inerte, sem interesse.

Parte de seu método era ouvir histórias. Sua intrusão naquele mundo não foi obstáculo intransponível para conversar com real sinceridade com os operários, e é possível que seu disfarce de semicamponês tenha falhado entre eles. A imperícia que o impedia de se adequar às diversas oficinas o denunciava. Depois da soldagem, da colocação de vidros, dos assentos e do descarregamento de eixos da suspensão do 2CV, ele já conhecia boa parte da engrenagem da fábrica e muitos trabalhadores, majoritariamente imigrantes. Os trabalhadores ouviam-no ensinar sobre capitalismo, divisão do trabalho, alienação, greve etc., mas só ouviam. Nele, crescia o interesse na vida dos já quase companheiros, e isso poderia soar fatal para qualquer militante saídos de organizações como a UJClm ou *Gauche Prolétariaenne*. Sua consciência deixou de ser um ponto vigiado. Por ela entram os operários.

O mosaico de imigrantes na fábrica tinha muitos denominadores comuns. Um deles podia ser visto na hierarquia dos cargos e salários. Ser imigrante significava receber menos que um francês. Linhart descobriu isso quando soube que recebia mais do que muitos operários imigrantes porque era francês, apesar de ser um desastre em qualquer oficina. Independentemente da formação técnica, a maioria dos imigrantes estavam abaixo dos franceses. Alain Badiou, companheiro de Linhart nos anos 60, disse recentemente que “o proletariado dos nômades sempre existiu e que nos anos 70 sindicatos comunistas protegiam empregos para os franceses, uma xenofobia que empurrava para baixo a presença de imigrantes nas fábricas, “como se a imigração fosse o problema da França”. (BADIOU, 2020)

Isto poderia ser lido nos registros contábeis da empresa. Outra coisa seria interpretar o que os operários sentiam relativamente a esta classificação. Aqui é preciso considerar que Linhart relacionava os sentimentos que lhe eram contados às pressões cotidianas do trabalho. Significava também encarar cada história como uma narrativa sensível, concedida em contexto de confiança, em tom quase de confissão, como o medo, a solidão, a solidariedade e o orgulho.

Medo, solidariedade, solidão e resistência

Sadok foi uma fonte de indagações para Linhart. Sua solidão não tinha conserto. Ele estava distante da Argélia, lugar que deixou depois da guerra. Porém, ninguém esperava por ele. Não havia família nem amigos. A guerra lhe tirou tudo e esterilizou suas raízes. Por que voltar? O termo expropriar, inventado pelo capitalismo, fazia todo sentido para Sadok. Na fábrica se divertia quando mostrava, aos outros, imagens de pornografia em revistas; e parece que fazia isto com frequência, uma característica de sua solteirice. E se não podia ter sua família de volta preferia não ter nenhuma. Este tipo de solidão pode se transfigurar em medo de não se aguentar no mundo. Não no caso de Sadok, cuja presença na greve que eclodiria em 68 se revelaria um porto seguro para companheiros de convicção incerta ou os que se sentiam mais sozinhos do que ele. Afinal, uma greve tem piquetes, exposição pública, disputa de narrativas..., enfim, e muito afeto em jogo.

Numa greve, antes, durante e depois, as temporalidades são tingidas pelo medo dos operários. O medo pode ser dissimulado para mostrar coragem e animar os companheiros. Pode se manifestar nas conversas informais, reuniões e assembleias organizadas por comissões de fábrica ou pelo sindicato, sugerindo o esgotamento e a necessidade de findar a greve. Pode ainda contaminar as mentes de tal forma que o operário descamba para o lado do patrão e se envergonha e tem raiva da greve, de seus companheiros e, frequentemente, de si mesmo. Igualmente verdadeira é a prática patronal de manipular esse medo contra os operários. Está entre as principais características do capitalismo o define. Neste caso, a condição dos imigrantes também é mais vulnerável que a condição do restante dos operários. Imigrantes estão sob ameaça constante de perder o emprego, e o risco da extradição como represália torna o medo ainda mais funcional.

Às vezes o medo encontra um limite, esbarra em valores que não suportam ser acossados sem algum transtorno sério. Kamel, também argelino, não aderiu a greve. É contrário a tais manifestações. Ele tem vinte e cinco anos. Linhart diz que seu penteado é excêntrico, “gênero Beatles, armado e cheio de brilhantina. (...) Veste-se de maneira agressiva, *blaser* com botões dourados e sapatos pontudos. Tem um ar de gigolô”. Na última página do livro, Linhart o encontra num bar. Esperava ver seus companheiros. Queria conversar, desabafar. Mas a sua frente apenas Kamel, que se aproxima de Linhart e é recebido com frieza. Ele diz que o puseram “na rua”. “Escuta, eles queriam me pagar para arranjar uma briga com você, queriam te botar para fora desse jeito.” Linhart o questiona e ouve o seguinte de Kamel: “Porque não preciso de dinheiro. Não desse tipo de dinheiro”. Se despedem e Linhart conclui seu desenho: “Kamel também é a classe operária.” (LINHART, 1978, p.147)

Operários têm alguma noção dos riscos implicados numa greve. Apesar disso, não significa que paralisar a produção decorre de uma racionalidade legível e palpável que considera todos os elementos objetivos implicados na sua realização como os estoques da montadora, o mercado de consumo, o clima político institucional do país, a opinião pública, a disposição do sindicato, o faturamento da empresa nos últimos anos etc. Tudo isto é uma parte da verdade. A outra é imponderável. Diz respeito à luta que os operários travam contra a empresa queimando combustível extraído cotidianamente de um espírito coletivo de solidariedade que se forma ou não se forma. É isso. No final a luta por direitos trabalhistas é uma questão de afeto. Linhart sugere que seus companheiros se sentem assim. Vivem um conflito interno, como aquele revelado na conversa iniciada por Kamel, que torna impossível equilibrar medo e dignidade por muito tempo.

A Confederação Geral do Trabalho (CGT) representou os operários na greve geral em maio de 68, não só a planta da Citroën de *Porte de Choisy*. Se o sindicato local fazia-se conhecer como fura-greve e fraudadores de eleições, a CGT não estava muito a frente. Ela oferecia uma política assistencialista aos sindicalizados: “cantina, colônia de férias, obras sociais”. Havia uma guerra entre a Citroën e a CGT, mas não era de classes. Tratava-se de uma “batalha de números, de déficits e de subvenções recusadas.” Uma batalha de usura.

É curioso que a Folha de São Paulo tenha noticiado em 21 de maio de 68 a manchete “Comunistas contra insurreição”, se referindo à greve e os interesses contraditórios da CGT e dos operários que ela representava. A Confederação cobrava disciplina aos operários e dizia que não bastava mudar o governo de Charles de Gaulle. Juntos, o Partido Comunista Francês e a CGT pretendiam o

fim do governo de Gaulle, mas sem transformar a greve geral numa “greve insurrecional”. O secretário-geral, Georges Seguy, declarou a imprensa que “provocações, atitudes aventureiras e de insurreição poderiam fazer ‘o jogo do governo e dos patrões que procuram a menor oportunidade para exercer uma violenta repressão contra os trabalhadores em luta.’”. Para ele, ainda segundo a Folha de São Paulo, “não bastaria mudar o governo Charles de Gaulle para acabar o movimento. A CGT apresentaria as reivindicações para quem assumisse o poder: ‘Seja quem for’”. Linhart recorda este contexto. É uma retrospectiva anunciada já em meados dos anos 60, quando ele já havia rompido com a linha morna do PCF. O medo se apresenta também travestido de desconfiança, desconfiança da CGT.

Durante maio e junho de 1968, a greve obteve módicos adiantamentos de dinheiro do patronato apavorado. Todo mundo havia pensado que isso correspondia ao pagamento dos dias de greve. Contudo, em fevereiro de 1969, uma circular da empresa comunicava que os operários deveriam reembolsar os dias parados por meio de trabalho suplementar não pago. O horário foi prolongado em 45 minutos e metade deste tempo não seria remunerado. Cabia um esclarecimento da CGT sobre o que fazer. Dois dias depois, o delegado sindical repassou a posição da confederação que havia malgrado a parte mais radical do movimento de 68: não haveria correlação de forças que permitisse o desenvolvimento de uma ação.

O centro da organização política na planta de *Porte de Choisy* é Primo, um siciliano de trinta anos de idade. Domina a língua francesa, diferentemente da maioria dos imigrantes. Saiu da Sicília porque as responsabilidades lhe pesaram cedo. “É o mais velho de uma família camponesa numerosa. As más colheitas e o desemprego no Sul da Itália levaram-no a imigrar.” Como Mulud, ele “manda regularmente ajudas para a *famiglia*, dá sua opinião, por carta, sobre os acontecimentos de seu vilarejo e trata de acompanhar os estudos dos irmãos mais moços aos quais envia com o maior desvelo, seus conselhos ou suas instruções”. (LINHART, 1978, p.61) Ele se interessava por tudo que Linhart oferecia: jornais, livros, notícias sobre a Citroën e outras fábricas. Suas conversas soavam sempre esperançosas, embora avessas a abstrações.

Linhart toma partido: “A sorte fez dele [Primo] um operário da Citroën e é aqui que as coisas acontecem”, e diz que é um “integrado” o qual não se mostra surpreso. Via os estudantes com bons olhos, mas sem os pés no chão. Deveriam aprender com os operários, que também poderiam alargar seus horizontes ouvindo os estudantes. Mas não são iguais, e Linhart diz porque:

A única diferença real com relação aos meus companheiros de fábrica – entre os quais se encontram vários operários improvisados, vindos do campo ou de outros países – é a seguinte: poderei, quando quiser, retomar minha condição de intelectual. Cumpro minha pena como eles mas continuo livre para fixar a sua duração. Sinto fortemente essa diferença como uma responsabilidade pessoal. Não posso apaga-la. Seja qual for a repressão, ela nunca me atingirá tão duramente quanto a eles. (LINHART, 1978, p.67)

Naquele momento, talvez ninguém fosse capaz de perceber e entender esta diferença tão bem como Linhart. Afinal, “integrar-se” colocou-o dentro de uma emboscada ideológica. Àquela altura o que realmente ele estava fazendo? Alianças e unidades políticas no campo de esquerda têm longo histórico e são difíceis de construir. Elaborar um simples panfleto poderia acirrar ânimos e mexer

com profundas questões políticas de princípios. Linhart aprendeu isso na militância estudantil e partidária. Mas na Citroën a dificuldade foi outra. Ele tentou ser didático e listou todos os pontos pendentes para compor uma pauta: os acidentes, a qualificação, a insalubridade, o racismo etc. Aquela lista deveria interessar a todos os operários, mas Primo discorda e argumenta: “Não é um panfleto que se vai redigir, mas um verdadeiro romance.” Tratava-se de um episódio exemplar do pragmatismo operário. Em poucas frases, Primo resumiu o estado de espírito de seus companheiros: estavam se sentindo insultados em sua honra e dignidade. Acrescentar 45 minutos na jornada de trabalho (e pagar apenas a metade) se desdobrou em dois motes para o panfleto que seria traduzido para o árabe, espanhol, português e iugoslavo. A língua francesa parecia um acessório naquela comunicação. (LINHART, 1978, p.70-71)

Sem dominar a língua francesa o poder de barganha de um imigrante é quase nulo. Decorre daí a tendência de formarem grupos que são referência de segurança e proteção como era o caso dos argelinos e dos iugoslavos. Ficar perdido na tradução da língua tem consequências. A principal delas pressiona o imigrante até traduzi-lo para a lógica do capital. Traduzido, não assimilado. Para imigrantes em contextos semelhantes ao da Citroën seu cotidiano pode se parecer como um caminhar num espaço vazio, acima do solo, sem conseguir fixar seus costumes, suas memórias, ou ser reconhecido em igualdade com os franceses. (KUNDERA, 2016) Expostos desse modo, Sadok e os demais trabalham e vivem sob intensa pressão do capital que tenta traduzi-los, apropriar-se de suas fragilidades (jurídicas, econômicas, emocionais) e maneja-los como mão-de-obra barata. Foi um expediente utilizado pela Citroën na iminência da greve:

Os intérpretes da Citroën... Elegantes, descontraídos, bem-falantes, esses burgueses marroquinos, iugoslavos, espanhóis, são os instrumentos de um terrível controle. Carteira de estrangeiro, carteira de trabalho, contratos, previdência social, tudo passa por eles. Para os imigrados que não falam ou que falam mal o francês, os intérpretes da empresa constituem um elo indispensável entre eles e as instituições oficiais, tão complicadas, tão desconcertantes, com seus formulários, seus escritórios, suas regras misteriosas. O senhor intérprete vai resolver isso. O senhor intérprete é seu amigo, porta voz na sua língua, da boa vontade do patrão. (LINHART, 1978, p.82)

Em resumo apertado, a greve feita para rejeitar os 45 minutos adicionais à jornada foi desmantelada à medida que a direção da planta da Citroën afastou um a um dos membros da comissão de fábrica, trocando-os de lugar e função. Ao mesmo tempo, a gerência tentou reestruturar alguns postos de trabalho obtendo efeitos contraditórios. Embora não tenha conseguido ampliar o controle sobre o trabalho para aumentar a extração de mais-valia, a intromissão de técnicos na rotina dos operários e na organização do trabalho provocou um tipo de medo incontornável, que contaminou inteiramente a vida dentro da fábrica.

Uma última questão de especial atenção foi o interesse da sociologia do trabalho, ao longo dos anos 70 e 80, pela crítica de Linhart ao taylorismo. *Greve na Fábrica*, com pouco mais de 100 páginas, teve audiência semelhante a clássicos de sua época, como *Trabalho e Capital Monopolista*, de Harry Braverman, publicado em 1974 com mais de 400 páginas, e *Manufacturing Consent*, de Michael Burawoy, publicado em 1979 com quase 300 páginas, e ainda sem tradução completa. Greve

na *Fábrica* na foi resultado de uma pesquisa centrada exclusivamente no taylorismo. Quando este tópico aparece, ele é mostrado do ponto de vista dos operários interpretado por Linhart. A administração científica é substituída como objeto de investigação pelas práticas e valores dos operários em pouco mais do que 100 páginas. Isto significou muito. Em *Lenin, os camponeses e Taylor*, sua tese de doutorado defendida em 1976 sob orientação de François Chatélet, Linhart retoma a discussão sobre taylorismo vinculado à organização do trabalho da ex-URSS desde a NEP (Nova Política Econômica).

Diz ele que a câmera do cineasta russo Dziga Vertov ajudou a estruturar e disseminar uma visão soviética do mundo e do trabalho. Ela filmou o trabalho indiferenciado, sem identidade, unicamente como produtividade buscada pela NEP no início dos anos 20. Em *Lenin, os Camponeses, Taylor*, Linhart escolheu esta passagem para problematizar o taylorismo. Se não houver imagem da lógica e complexidade de cada processo de trabalho, restará o foco de Vertov, que “quebra, esmigalha até extrair dele [do processo de trabalho] uma poeira quase homogênea, de ínfimos elementos. (...) Não será uma orientação idêntica à de Taylor?” (LINHART, 1983, p.130-131) Esta pergunta esteve presente em *Greve na Fábrica*, senão no livro inteiro, senão em seu desfecho. Linhart se refere a Demarcy, um francês de cabelos brancos que trabalha no retoque de portas. Na verdade, quando se observa de perto a descrição dele feita no livro vê-se que “retocar” portas defeituosas é bem menos do que ele fazia. As portas chegavam até Demarcy com vários problemas. Não existia um padrão para a deformidade de cada exemplar que era descartado na linha de produção e encaminhado para o francês grisalho que trabalhava numa oficina afastada de todas as demais. E também não existia um gesto único que conseguisse recuperar porta por porta.

Demarcy é um artesão. Ele precisa realizar diversas operações para “salvar” uma porta defeituosa do 2CV. Ele endireita, tapa furos, solda, poli, retifica, lima, martela. Antes disso, investiga meticulosamente o objeto e planeja uma intervenção. Linhart o compara a um cirurgião que ausculta atentamente o paciente a busca de problemas e do melhor método de saná-los. Mas diferentemente do cirurgião, Demarcy não perde nenhum caso. Sua principal ferramenta é uma bancada sobre a qual as portas são reparadas. Esteticamente a bancada é uma confusão de pregos, chapas retorcidas, fendas, tornos adaptados e muitos vincos. Tudo nela é aparentemente imperfeito, mas sua estética tem funções precisas. Demarcy fixa ou escora as portas sobre os diferentes “remendos” que formam a bancada e só depois de imobilizar as partes que requerem restauro ele começa a martelar. De algum modo, Linhart colocou em oposição a visão de trabalho projetada por Dziga Vertov, trabalho previsível, regular, estandarizado, e o improvisado que caracteriza o cotidiano de Demarcy curvado sobre a bancada que inventou. Os manuais de engenharia da produção, de administração e congêneres geralmente expulsam a criatividade que excede em Demarcy da mesma forma que recusam a eficiência de ferramentas ajustadas às mãos e à inteligência de quem as usa, macetes que poupam tempo e evitam erros na produção, movimentos criados e aperfeiçoados a cada nova situação.

Essa mesma bancada foi recolhida e devolveram a Demarcy outra, modernizada, lisa, sem frestas nem contornos ou saliências: “um grosso cubo maciço, tendo em cima um plano inclinado para receber portas. Duas porcas dos lados para escorar. É tudo.” Saiu da prancheta de um en-

genheiro que observou o trabalho de Demarcy, anotando-o, cronometrando-o, redesenhando-o. Então, Linhart apresenta um Demarcy desesperado e sem direito a apelar. Perdido seu método de trabalho resta-lhe operar sobre a nova bancada. É desastre certo. Seus movimentos são recusados pela ferramenta. Linhart descreve com detalhes aquele desencontro, inclusive a explicação de Demarcy ao diretor que lhe pergunta por que a velocidade diminuiu e as portas reparadas estavam em péssimo estado: “Não sei o que aconteceu, Senhor Diretor... É talvez um acesso de cansaço... Normalmente...” Um dos funcionários que acompanham o diretor eleva o insulto a uma altura humilhante: “É de se perguntar, às vezes, como conseguem obter o certificado de estudos primários!”. Este é um ponto sobremaneira destacado na narrativa. O chefe do setor sabia que o desastre se devia à bancada elaborada pelo “escritório de métodos”. Três dias depois a antiga bancada foi repostada e Demarcy retomou o trabalho. (LINHART, 1978, p.143)

A bancada é também um recurso cênico que permite opor o trabalho às sistemáticas tentativas de controlá-lo na lógica da produtividade, da extração da maior quantidade de trabalho dentro do tempo comprado do operário. É um dos pontos que o capitalismo tem eternizado dentro de sua existência. É uma luta desigual, todavia enfrenta resistência. Demarcy, cuja existência representa a eficiência do improvisado no processo de trabalho não continuou o mesmo após esta extravagante experiência que o colocou exposto e acuado. Desde então, ele se sentiu espionado, “como se esperasse o próximo golpe. Fechava-se ainda mais sobre si mesmo, sempre inquieto quando lhe dirigiam a palavra.” (LINHART, 1978, p.144) Linhart antecipava em alguns anos o adoecimento mental também no trabalho manual. Pagava-se este preço também porque a Citroën reestruturava algumas de suas plantas produtivas. A de *Porte de Choisy* seria desativada em dois anos e o terreno seria vendido para a construção de arranha-céus. A especulação imobiliária teria maior rentabilidade naquele momento uma vez que a transferência da fabricação do 2CV para outra planta era possível.

A memória pode ser generosa com a experiência. No caso de Linhart a expressão disso é *Greve na Fábrica*. O ano em que viveu na Citroën necessitou tempo para formar uma memória sobre maio 68 que foi também uma memória sobre si mesmo. Embora medido em meses ou anos, a temporalidade da reflexão realizada sobre maio de 68, e antes dele, foi refinada por diversos atos de esquecimentos, confinamentos, recalques e sucessivos reencontros com fatos que se tornariam importantes para ele. É o caso da solidariedade marcada com Mulud, Sadok, Primo, nem sempre possível nos circuitos da esquerda. Por isso, parte da temporalidade que constituiu este livro é indeterminada e praticamente inviável de mapear. Talvez tenha sido o instante mais completo e pleno da vida política de Linhart. Certamente foi (em alguma medida continua sendo) um retrato tão complexo quanto encantador da classe operária na França daquele tempo frenético. Ainda é um bom roteiro para aparar investigações sobre trabalho e imigração.

Conclusão

Há dois pontos que quero realçar. O primeiro diz respeito a influência do maio de 68 na decisão política de Robert Linhart se integrar na Citroën de *Porte de Choisy*. Sua trajetória militante, particularmente quando esteve convencido pelo Maoísmo, a intenção de que os operários precisavam

entender a exploração do trabalho sob a ótica teórica marxista, a certeza de que ele e sua geração viviam um contexto político singular (muitos caracterizaram 68 como uma revolução, realizada ou malograda), enfim, uma constelação de fatores importantes para ele levaram-no até Mulud, Gravier, Primo, Georges e à linha de produção. A linha de produção, por óbvio, é um encaixe sequencial de postos de trabalhos para garantir a produção de mercadoria. O 2CV resultava desse mecanismo, e este mecanismo necessitava consentimento dos operários para funcionar. Geralmente é isto que se enxerga numa fábrica porque o que se procura é a linha de produção ou, no caso de Linhart, os operários para se informarem politicamente. Em algum momento Linhart se deu conta disso e começou a prestar atenção nas histórias que ouvia de cada operário. Foi então que ele encontrou e conheceu Mulud, os iugoslavos, Sadok e Primo. A narrativa que organizou o livro percebeu os operários em percursos inéditos que não estavam cogitados no script de Linhart. Não estava preparado para aprender, mas para ensinar. Pode-se traduzir assim a mudança de suas expectativas desde os anos de preparação do maio de 68.

O segundo ponto indica possibilidades do uso da narrativa histórica de Linhart para ajudar a ver e pensar o imigrante trabalhador no tempo presente. A vulnerabilidade dos imigrantes tantas vezes salientada por Linhart não é um traço que necessariamente faz o operário ceder ao capital, nesse caso à Citroën. A história de formação do capitalismo tem mostrado que os trabalhadores circulam o mundo inteiro e lutam contra seus medos, o racismo, a xenofobia, todo tipo de discriminação. Este traço se mantém atual.

No período de 2010 a 2019, houve aumento de 51 milhões de imigrantes, de acordo com ONU. Em 2019, os imigrantes representaram 3,5% da população mundial. Em 2000, eles eram 2,8%. (UNITED NATIONS, 2019) Se somarmos as migrações inter-regionais e interestaduais de países onde for possível medi-las o resultado fortaleceria o argumento de que trabalhadores migram o tempo todo. Sobre imigrantes ilegais (sem documentos), conforme a OIT, atualmente estima-se 258 milhões de imigrantes, incluídos 19 milhões de refugiados. Os imigrantes trabalhadores (a partir de 15 anos de idade) constituem 234 milhões deste grupo, e são 4,2% da classe trabalhadora mundial (também a partir de 15 anos de idade). Na Europa, cerca de 1/4 dos trabalhadores são imigrantes. Estes números, embora estimados, atestam a presença significativa de imigrantes na Europa. Ainda sobre isso, o compromisso de Mulud de enviar algum dinheiro para a família na Argélia tampouco é algo recessivo. Quando laços de afetividade são mantidos eles se expressam em transferências financeiras. Um exemplo em meio a tantos é o Haiti. Em 2017, este tipo de transferência foi responsável por 29,2% do PIB do Haiti. (WORD BANK, 2018) Em 2009 os valores corresponderam a 21,2%, e em 2007, antes do terremoto de 2010, o índice foi de 18,2%. (CORBIN, 2012) Em 2007, aproximadamente 45% das residências haitianas tinha um membro da família vivendo no exterior. (JADOTTE, 2009) Dois anos antes, 31% das famílias com parentes emigrados recebiam em média 150 dólares mensais enviados por algum familiar residente nos Estados Unidos. (OROZCO, 2006)

Estas estatísticas evidenciam a circulação de trabalhadores pobres em busca de trabalho pelo mundo. No capitalismo é uma realidade que data do século XIX quando, por exemplo, verdadeiras diásporas constituíram rotas e corredores da Europa em direção a economias nacionais em desenvolvimento. A emigração italiana foi, nesse contexto, o maior movimento migratório (de certo

modo voluntário) da história do capitalismo. Meus bisavós paternos chegaram ao Brasil em 1905 e encararam todo tipo de serviço até que a saudade os separou levando meu bisavô de volta a Itália. Histórias como esta e a de Mulud, formadas de tristezas e alegrias, ajudam a contar a história da classe trabalhadora. Os operários conhecidos de Linhart e meu bisavô, separados por mais de meio século de história, viveram pressionados pelas políticas do capital que ora os empurrava da Europa para economias periféricas, ora os empurrava das economias periféricas para países de economias mais dinâmicas. Este ainda é uma questão que requer investigação, principalmente comparativa.

Referências

- BADIOU, Alain. Alain Badiou: "O marxismo pode salvar o mundo". [Entrevista cedida a] Jürg Altwegg. **Carta Maior**, [S. l.], 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Alain-Badiou-O-marxismo-pode-salvar-o-mundo-/4/47104>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- CELENTANO, Adrián. Linhart, Badiou y Rancière, a propósito de las fábricas y la política. **Sociohistorica**, La Plata, n. 23-24, . p.105-136, primer y segundo semestre 2008.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A experiência do movimento operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CODINHA, Miguel G. C. **Margem de Certa Maneira O maoísmo em Portugal: 1964-1974**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.
- CORBIN, H. P. **Guyanese Migration and Remittances to Guyana: a case study of their potentials and challenges for Guyana's economy**. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11158>. Acesso em: 30 maio 2020.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DRESSEN, Marnix. Robert Martin Linhart [verbete]. In: **Le Maitron**. Dictionnaire Biographique. Mouvement Ouvrier. Mouvement Social. [Version Longue], 2012. Disponível em: <https://maitron.fr/spip.php?article140557>. Acesso em: 17 abr. 2016.
- FRIEDMANN, G; NAVILLE, P. **Tratado de Sociologia do Trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973. 2 v.
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos Interessantes**. Uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JADOTTE, Evans. International migration, remittances and Labour supply: the case of Republica

Haiti. **WIDER Working Paper Series**, p. 1-22, 2009. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/unu/wpaper/rp2009-28.html>. Acesso em: 30 maio 2020.

JEFFRIES, Stuart. **Grande Hotel Abismo**. A Escola de Frankfurt e seus personagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LINHART, Robert. **De cadenas y de hombres**. México: Siglo XXI, 1979.

LINHART, Robert. **Greve na Fábrica**. L'Établi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LINHART, Robert. **L'Établi**. Paris: Éditions de Minuit, 1978.

LINHART, Virginie. **Le jour où mon père s'est tu**. Paris: Éditions du Seuil, 2019. E-book.

LINHART, Robert. **Lenin, os camponeses, Taylor**. Ensaio de análise baseado no materialismo histórico sobre a origem do sistema produtivo soviético. São Paulo: Marco Zero, 1983.

LINHART, Robert. **The Assembly Line**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1981.

LINHART, Robert. **O Açúcar e a Fome**. Pesquisa nas regiões açucareiras do Nordeste brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LINHART, Robert. **O Infiltrado**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

LINHART, Robert. Sur la phase actuelle de la lutte des classes em Algérie. **Cahiers Marxistes-Léninistes**, n. 2, v. I, mar. 1965. Disponível em: <https://adlc.hypotheses.org/archives-du-seminaire-marx/cahiers-marxistes-leninistes>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional**. Estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015.

MIGUEL, Marlon. O maio de 68 francês: sentidos e recuperações. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 928-951, jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 06 set. 2018.

OROZCO, Manuel. Understanding the remittances economy in Haiti. **Inter-American Dialogue**, 2006.

ROBERT Linhart: "J'ai vécu Mai 68 comme une crise de folie". Entrevistadora: Laure Adler. Entrevistado: Robert Linhart. [S. l.]: France Culture, 20 ago. 2013. **Hors champ**. 44 min. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/hors-champs/robert-linhart-rediffusion-de-lemission-du-1er-fevrier-2011>. Acesso em: 07 mai. 2019.

UNITED NATIONS. **The number of international migrants reaches 272 million, continuing an upward trend in all world regions, says UN.** New York: Department of Economic and Social Affairs, 2019. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/en/news/population/international-migrant-stock-2019.html>. Acesso em: 15 maio 2020.

WORLD BANK. **Personal remittances, received (% of GDP), 2018.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/BX.TRF.PWKR.DT.GD.ZS>. Acesso em: 15 maio 2020.